

Em plena época cientificista, contrariando a tendência generalizada de denegrir a Idade Média (a “noite de mil anos” de Michelet, a *dark age dos* autores ingleses), Augusto Comte procedeu a uma verdadeira reabilitação de tão caluniado período da História. Posteriormente, os estudos de Pirenne, Calmette, Buehler e outros grandes medievalistas lançaram novas luzes sobre os estudos históricos e, hoje, ninguém mais, em sã consciência, seguiria a cartilha dos caluniadores do século passado. Antes, o que se procura ver na Idade Média é o seu sentido de transição, de “elaboração” de um mundo novo (não é este, por acaso, o título de um dos livros que Calmette?). É este, também, o sentido que Ivan Lins procura dar à sua interpretação da Idade Média. Seu livro resultou de uma série de conferências proferidas em 1938 na Academia Brasileira de Letras e no Automóvel Clube do Brasil. Publicado pela primeira vez naquele mesmo ano, alcança agora a quarta edição, “com poucas modificações do texto primitivo, quase tôdas apenas atinentes à forma”. Apresentando esta nova edição, escreveu Francisco de Assis Barbosa os tópicos que julgamos oportuno transcrever: “Obra de sábio, um panorama majestoso de um época equívocadamente considerada obscurantista. Ivan Lins empreende a reavaliação do material humano e cultural da Idade Média. Não pense o leitor que se trata de livro de leitura difícil, maçudo, pretensioso e hermético. Nada disso. O que há de admirável nele é que, na restauração de todo o medievalismo, pedra por pedra, com sólida argamassa, areia e cal da mais pura erudição histórica e filosófica, a Idade Média se levanta num painel de contornos límpidos, menos para o deleite dos iniciados, mais para a compreensão sobretudo de jovens de estudantes e mesmo daqueles sem qualquer discriminação de ordem cultural que desejarem possuir uma visão não estática mais dinâmica, ampla e correta, sobre matéria tão vasta e controvertida. A característica fundamental deste livro — nunca será demasiado encarecê-lo — reside na total e absoluta isenção com que o tema é tratado, além do profundo conhecimento do assunto, oferecendo Ivans Lins uma imagem tanto quanto possível verdadeira da outrora malsinada e ainda sempre desconhecida Idade Média”.

ODILON NOGUEIRA DE MATOS.

* *

*

BRÉHIER (Louis). — *Le monde byzantin. I. — Vie et mort de Byzance. II. — Les Institutions de l'Empire byzantin. III. — La Civilisation Byzantine.* Éditions Albin Michel. Coleção “L'Évolution de l'Humanité”. Paris. 1970. 3 volumes. 640+636+623 pp. 36 F. os três volumes.

Trata-se da 2ª edição dessa excelente obra de Louis Bréhier, na mesma editora, na mesma coleção, mas desta vez em tamanho de bolso. Ao texto primitivo foi acrescida uma bibliografia suplementar das obras aparecidas desde 1949 (1ª edição) até 1970, da autoria de Jean Gouillard.

A história de Bizâncio foi uma “experiência sociológica” que durou um milênio. Ela podia ter durado muito mais se o seu absolutismo, baseado no exército, não tivesse conduzido êsse Império à catástrofe.

Bizâncio tinha uma missão espiritual: a de fazer reinar o Cristianismo sobre tôda a terra. E, si o imperador não era mais, como em Roma, um deus, prestava-se-lhe, entretanto, um culto como um eleito de Deus. O soberano era envolvido no Palácio, por uma Administração, que, apesar de muitas ocupações fúteis e custosas, governava o Império, às vêzes de maneira notável. Louis Bréhier no I volume tratou de tôda a história política de Bizâncio até a sua queda. No II volume consagrou capítulos muito bem documentados sobre os grandes Serviços do Estado: justiça, finanças, diplomacia, correio imperial, exército, marinha. Em tantos séculos, os costumes políticos muitas vêzes se transformaram — e nem sempre no bom caminho...

O papel e o estatuto, tão importante, da Igreja em Bizâncio foram examinados. Podemos acompanhar a sua evolução até a expansão monástica dos últimos séculos, que foi também uma das causas da queda do Império com a criação de Igrejas nacionais.

No III volume Louis Bréhier apresenta a vida material e a vida intelectual sob todos os seus aspectos. Podemos acompanhar a vida familiar bizantina do “nascimento até sua morte”, graças às vivas descrições da habitação, dos costumes, das cerimônias e de todos os refinamentos dessa civilização evoluída. Podemos ver a metrópole com seus palácios, suas igrejas, seus quarteirões ricos ou miseráveis, seu famoso hipódromo. Visita-se as cidades da província, toma-se conhecimento da vida rural, assim como das indústrias de luxo, inclusive a da tecelagem da sêda.

Depois o Autor descreve o alto nível da literatura, onde todos os gêneros foram cultivados. A gênese da evolução da arte, da arquitetura, do célebre mosaico, da pintura, são examinados pormenorizadamente. E Louis Bréhier mostra a imensa parte que cabe à cultura bizantina no Renascimento do Humanismo ocidental. É obra que se recomenda muito especialmente aos nossos alunos de História Medieval.

E. S. P.

* *
*

PINHO (Clemente Segundo). — *Santiago de Compostela na fé e na cultura. Língua e religião*. Lisboa. 1965.

Êstes dois opúsculos constituem separatas da *Revista de Portugal*, vol. 30, Lisboa, 1965. No primeiro, o ilustre professor da Faculdade de Filosofia de Araraquara estuda o papel “na fé e na cultura”, de Santiago de Compostela, “o mais frondoso centro de peregrinações medievais, equivalendo a Roma e Jerusalém, na atração das multidões de todos os quadrantes”. No segundo trabalho, o autor cuida de alguns exemplos expressivos do condicionamento histórico-cultu-